

Psicanálise e Sedes: uma tradição renovadora

Alcimar Alves de Souza Lima.

A psicanálise se auto-cria constantemente, sempre mergulhada na cultura. Este texto tenta articulá-la à transdisciplinariedade, visando pensar uma clínica conectada com o universo pulsional.

“Ando gesticulando, mugindo - quase não há palavras ainda - diminuo o passo para não atrapalhar este mugido, ou então mujo mais rapidamente, na cadência de meus passos. Assim, aplaino e dou forma ao ritmo, base de qualquer coisa poética e que passa através dela como rumor. Gradualmente, começa-se a tirar deste rumor palavras isoladas. De onde vem este ritmo-rumor fundamental, não se sabe. Para mim é toda repetição em mim de um ruído, de um balanço, ou mesmo em suma, a repetição de cada fenômeno que marco pelo som.”

Maiakovski

Nestes vinte anos de Instituto Sedes Sapientiae, a leitura de Freud foi sempre o grande norteador das possibilidades clínicas e teóricas, propiciando conexões culturais e sociais indissolúvelmente articuladas com elas.

O Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae encontra o século XXI ocupando um espaço respeitado no ambiente cultural e propiciando, em diversos setores da instituição, discussões transdisciplinares. No meu percurso dentro deste Instituto, atravessei diversos períodos. O final dos anos 70 viu a predo-

minância da escola inglesa kleiniana; logo seguiu-se o período francês, com a escola lacaniana nascendo em São Paulo. Já entrando nos anos 80, comecei a descobrir diferentes autores inseridos nos mais diversos campos da cultura que, a meu ver, estabeleceram fantásticas articulações com o pensamento freudiano.

Alcimar Alves de Souza Lima é membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, professor do Centro de Estudos de Psicanálise de São José dos Campos e diretor Científico da Associação Paulista de Medicina de São José dos Campos.

Desde o início, percebi claramente que, para mim, era fundamental seguir mais estritamente aquilo que o próprio Freud fazia em seu tempo. Como Freud criou o método psicanalítico? Ele tinha a sua própria clínica, que era também o seu laboratório. Começarei usando essa metáfora, a do laboratório, pois quando forem estabelecidas correlações com a ciência – mais adiante neste artigo – ela será preciosa.

Os autores que paulatinamente fui descobrindo, e que muito me auxiliaram na visão do campo psicanalítico, foram Edgard Morin, Ilya Prigogine, Giles Deleuze, Felix Guattary, Werner Heizenberg, Henri Poincaré e outros. De modo geral, esses autores me sensibilizaram para a contingência de uma visão complexa da psicanálise nos dias de hoje, possibilitando-me uma releitura da obra de Freud.

Freud e a questão do determinismo

A psicanálise no tempo de Freud estava mergulhada num universo cultural determinista e aliava-se ao seu grande sonho de encaixá-la no universo científico. Mas este ideal freudiano permaneceu sempre inalcançado, porque de certa forma a psicanálise já nasceu complexa: Freud escrevia norteado por cinco registros – ou seja, os da natureza, do biológico, da psicossomática, do processo primário e do processo secundário – e a articulação desses componentes está na base do pensamento complexo, que foge bastante do determinismo, corrente dominante no pensamento científico daquela época. Isso está na raiz do método criado por Freud. Ele foi concebendo a psicanálise na clínica que exercia com regularidade, na sua auto-análise, na discussão com seus pares, que começavam a surgir. Para que esses conhecimentos fossem tomando forma e conteúdo, recorria também à cultura, tanto no

A psicanálise se desenvolve criando seu próprio campo e se abrindo para outros.

que era cotidiano como nas expressões culturais de sua época e do passado.

Seus textos circulam pela biologia, mitologia, sociologia, filosofia, antropologia, lingüística, pelas mais diversas formas artísticas, e por muitos outros campos.

A meu ver, todas as tentativas epistemológicas de encaixar Freud em determinados saberes foram inócuas, principalmente quando se pretendeu restringi-lo exclusivamente ao campo da ciência. A psicanálise sempre transbordava, e algo de outros campos deveria ser incluído, mostrando que esta área do conhecimento que começava a surgir já não levava em conta a separação radical entre ciências humanas e ciências da natureza.

O grande fosso que as separava deveria ser articulado. Os embriões da transdisciplinariedade comecem a se esboçar. Não podemos pensar um corpo composto de serotoninas, nor-adrenalininas e muitas outras químicas, funcionando desarticulado de um mundo desajustado, de um universo pulsional.

O homem responde de diferentes formas a seus impulsos de ordem química e aos de ordem psíquica. Ele é atravessado pela linguagem, que opera uma transformação radical em sua natureza. Os impulsos químicos que estão se proces-

sando nesse corpo sofrem alterações através das intensidades e representações psíquicas concomitantes, e vice-versa. Evidentemente, deve haver articulações desses campos, e não exclusões. Aqui observamos em Freud uma matriz psicossomática.

Novas abrangências

A psicanálise se desenvolve criando o seu próprio campo e abrindo-se para outros, com *retornos* que possibilitam reposicionamentos em seu próprio campo.

Edgard Morin conceitua a complexidade em relação à auto-organização e à incerteza; porém se trata da *incerteza no seio de sistemas ricamente organizados*. Isto permite perceber ordem, desordem e caos em íntima conexão, numa convivência criadora e criativa. A psicanálise passa pelo determinismo e pelo acaso: não podemos dar realce excessivo a nenhum dos dois aspectos.

Vamos fazer um breve histórico do determinismo em seus paroxismos.

A física que reinava nos tempos de Freud era newtoniana. O ápice do pensamento determinista data de 1814, quando Laplace afirma: “Devemos encarar o estado presente do universo como o efeito de seu estado anterior. Uma inteligência que, em um momento determinado conhecesse todas as forças que animam a natureza, assim como a situação respectiva dos seres que a compõe, e se fosse além disso suficientemente ampla para submeter tais dados à análise, poderia abarcar em uma só fórmula os movimentos dos maiores corpos do universo e dos menores átomos: nada lhe resultaria incerto, e tanto o futuro como o passado estariam presentes a seus olhos”.¹

Este conceito aponta para um universo ideal e fechado no qual a previsibilidade é a grande meta

daciência. Este pensamento nas ciências é dominante no século XIX e começo do século XX, e até hoje ainda persiste em algumas situações específicas. Concomitantemente a este pensamento determinista, alguns pensadores do século passado já tentavam destroná-lo. Isso começou a se dar no âmbito da física, mais especificamente na termodinâmica. O primeiro princípio da termodinâmica estabelecia a conservação de energia dentro de um sistema isolado. O segundo princípio mostrava a perda de energia como irreversível, já apontando para a limitação do sistema fechado e começando a esboçar os sistemas abertos, ou seja, que envolvem múltiplas trocas com o ambiente.

Até essa altura, estamos falando de uma ciência que só levava em conta as situações enquanto observadas e analisadas em condições ideais. Só o ideal era objeto da ciência. Mas certos movimentos, dentro da cultura e da própria ciência, já desde o próprio século XIX, queriam outro posicionamento.

A partir daí, com o segundo princípio da termodinâmica já instaurado na segunda metade do século XIX, temos que levar em conta a degradação da energia. A consequência é que isso será considerado na descrição da natureza, o que não ocorria anteriormente. Isso trará grandes consequências no que podemos pensar sobre o real.

Edgar Morin diz: "Não se trata de retornar à ambição do pensamento simples, que era controlar e dominar o real. Trata-se de estudar um pensamento capaz de tratar o real, de dialogar e negociar com ele".²

Voltando um pouco ao passado, nos alicerces mesmos da concepção do pensamento científico determinista, aparece nas concepções de René Descartes uma confluência entre a geometria analítica e a possibilidade de abstração: a *res extensa* - movimento, extensão, peso e figura - pode ser mensurada e manipulada matematicamente.

Aparece nessa época a possibilidade da articulação das duas linguagens: a das equações matemáticas e a das formas da geometria analítica. Essa relação promove a contingência da produção de conhecimento. A partir desse momento (tempo de Descartes) o conhecimento pode ser visto como certeza. Cria-se a sustentação física-matemática para a certeza. Tudo o que o homem não sabe e que pode ser da ordem do *acaso* passa a ser da ordem da ignorância; as idéias newt-

As profantusias (sedução, cena primária e castração) são peças fundamentais do sistema que está sendo construído. A grande problemática enfrentada por Freud nessa ocasião é se esse sistema era fechado, no molde das idéias científicas predominantes na época, ou, em linguagem atual, se ele poderia ser não-linear, aberto aos acontecimentos, transformável e em perene movimento.

Nessa época, a questão fundamental do procedimento científico

Na ciência determinista, o conhecimento busca a certeza; não há lugar para o acaso nem para a indeterminação.

onianas deverão dar conta dessas questões do mundo da ciência num futuro próximo (tempo de Newton). Portanto, não há lugar para o *acaso*, e nem para a *indeterminação*.

Historicamente está aberto o caminho para o futuro desenvolvimento da ciência determinista e para a certeza como centro dessa nova ordem. Cria-se a conexão *números, equações e geometria analítica*, que trabalha o universo das formas.

No estudo da neurose infantil do Homem dos Lobos, Freud estará mergulhado nessas concepções do pensamento científico, tenta elaborar a cena primária ocorrida na infância do jovem russo. É toda uma articulação geométrico-determinista que está em jogo, a fim de instaurar a psicanálise no bojo do pensamento científico de modo a ser validada pelo universo intelectual de sua época. O determinismo e a repetição estão intensamente articulados para poder explicar a gênese destes sintomas.

era a localização de um ponto nas coordenadas espaço-tempo. "As frequentes crises de depressão tomaram o lugar dos anteriores ataques de febre ou abatimento; cinco horas ou era a hora da febre mais alta, ou de observação do coito, a não ser que as duas horas estivessem coincidindo. A doença, cuja ocorrência é também corroborada pela tradição direta, torna razoável referir o evento ao verão, e de vez que o mesmo nascera no dia de Natal, presumir que a sua idade fosse $n + 1,5$ anos. Ele estava dormindo no seu berço, no quarto dos pais, e acordou, talvez por causa da febre que subia, à tarde, possivelmente às cinco horas, hora que depois seria marcada pela depressão."³

Nessa altura, a precisão é imprescindível para a validade científica. É necessária uma comprovação empírica. Freud está neste jogo, e, ao mesmo tempo, de certo modo, fora dele, pois já está jogando com outras possibilidades e contingên-

cias, e não somente aprisionado ao pensamento científico vigente. Ou seja: sabemos que essas características do pensamento científico da época nunca foram totalmente descartados por Freud, ocupando sempre um papel preponderante dentro de sua complexa obra; mas, por outro lado, esta já leva em conta aspectos que contradizem este estreito determinismo.

A produção de um sistema aberto

Caminhando um pouco mais, Freud diz no mesmo texto: “As disposições constitucionais são, com segurança, a seqüela que deixaram as vivências de nossos antepassados, também elas se adquiriram uma vez: sem tal aquisição não haveria herança alguma”.⁴

Freud está fortemente embebido do pensamento biológico, científico portanto, quando postula *disposições constitucionais* e *herança*; porém o sistema que ele estabelece é aberto.

Para pensar os sistemas abertos, temos que levar em conta a contradição. Edgar Morin diz: “Foi-me necessário reconhecer que o meu sistema era contraditório em si mesmo, e que essa contradição estava não *além* da lógica aristotélica, mas *alguém* de qualquer lógica, inclusive dialética”.⁵

Para conceber um sistema como tal, temos que abdicar de idéias cristalizadas no determinismo puro; alguma coisa dessas idéias, porém, tem de ser levada em conta. O que devemos deixar para trás é a idéia do todo como estático; ao todo não se chega, porém a fração tem que ter a idéia do todo. Na concepção de um sistema como tal, temos que levar em conta a contradição. Assim sendo, a totalidade é inacabada, fragmentada, incompleta; mas não podemos perder a idéia da complexidade. Em *Além do princípio do prazer*, Freud elabora esse tipo de

sistema, fazendo uma articulação da pulsão de morte rumo à não-consistência, não-referência, não-consequência, que caracterizariam a direção mortífera do sistema. Nesse sentido, a pulsão de morte ruma para a morte mesmo, mas também pode aparecer como produção-criação, através de movimentos aleatórios e intensos do primeiro e auto-criativo jogo infantil, dando origem ao que poderíamos pensar como simbólico.

O pensamento não pode ultrapassar contradições como “vida e morte”. O jogo desses antagonismos, sem produzir sínteses, é fundamentalmente o que faz o conceito de pulsão, pois Freud propõe pensar num metabolismo que transita do caótico até às produções simbólicas. Nele, real e imaginário são idéias antagônicas, e concomitantemente complementares e inseparáveis. Com isso, nos acercamos da idéia de um simbólico formado pelo representacional e inserido em uma concepção contraditória de padronização/invenção.

As disposições constitucionais não serão mais imutáveis, associadas às taras, conforme à teoria da degenerescência que reinava no século XIX. Freud colocou movimento, criação e produção dentro do constitucional. Assim foi dado um passo fundamental para romper com o determinismo puro e com a repetição do mesmo, abrindo caminho para o pensamento diferencial e para as singularidades nas subjetivações. Nas disposições constitui-

onais, aparecem em primeiro plano as problemáticas questões em relação ao afeto. Nas primeiras elaborações freudianas, este aparece como qualidade de uma quantidade de energia pulsional, conectado às imagos, representações e imagens.

Com a evolução do seu pensamento, em 1926 o conceito de afeto passa a estar conectado às séries complementares. Os afetos seriam “reproduções de acontecimentos antigos de importância vital e eventualmente pré-individuais, comparáveis a acessos histéricos universais típicos e inatos”.⁶

Os afetos são colocados dentro de um campo que pode ser rastreado através das gerações, pois eles são marcações, compassos: *acessos histéricos universais*.

O acesso histórico seria a repetição do trauma ocorrido na infância e simbolicamente elaborado. Os afetos seriam uma repetição do trauma da espécie ocorrido em um tempo remoto; não retornariam na forma simbólica, e sim através de intensidades, como numa escala musical. As intensidades seriam como sinfonias da subjetividade.

Pulsão de morte: produção/criação

Aqui podemos começar a dar um importante passo para a transição da primeira para a segunda tópica. Para isto, comecemos a pensar na pulsão de morte. A pulsão de

A pulsão de morte ruma para a morte; mas pode aparecer como produção-criação.

morte contém sempre dois aspectos. Um deles é a direção mortífera rumo ao inanimado, a ausência total de tensão: fim de percurso para onde tende todo ser vivo. A outra dimensão dessa pulsão é a criação-produção, o que traz conseqüências teóricas e práticas muito importantes para reposicionar a psicanálise dentro da cultura atual.

Em *Além do princípio do prazer*, Freud conceitua a compulsão de repetição como uma emanção da pulsão de morte.

Devemos nesse sentido estabele-

estar contido o ponto nodal do texto. Não devemos, a meu ver, fazer essa dissociação da neurose traumática com o jogo infantil, e sim fazer uma *adição*. Essa conexão trauma-jogo infantil-pulsão de morte é fundamental; articula o próprio texto. Está esboçando a idéia de possibilitar o surgimento do simbólico na espécie humana através do jogo de intensidades; daí o início do texto estar pautado pelas neuroses traumáticas. O texto se move, então, através do fluxo de intensidade des traumáticas e das possibilidades

textualmente que se trata de um *primeiro* jogo, auto-criado.

Nesse momento, estamos mergulhados em um campo caótico que pode evoluir para o pré-representacional/representacional, ou ter retornos para o caótico. Portanto, estamos falando de momentos de *criação de um universo simbólico*, e não de circulação em um universo simbólico já dado. Isso aponta para um aspecto de produção e criação do novo. Ou seja, não estamos somente no universo determinista. A conseqüência seria um alargamento imenso do universo newtoniano, no qual o tempo é sempre reversível e simétrico. Isso aponta para um tempo irreversível, com possibilidades de acaso e de assimetrias. Inaugura-se a possibilidade das incertezas. A idéia de trauma traz à baila a concepção de *acontecimento*.

Freud nos mostra que em sistemas que se caotizaram surgem organizações simbólicas novas, disruptivas e inesperadas - que podem devir como organizações.

Acontecimento e multiplicidade

A construção de um conceito de *acontecimento* que possa ser incorporado à teoria psicanalítica é fundamental.

No texto que propus para o evento *Leituras de Freud*, que aconteceu no Instituto Sedes Sapientiae em 1995, dizia o seguinte: "O conceito de acontecimento requer algumas vertentes que muitas vezes não se encaixam e criam complexidades difíceis de serem visualizadas. O conceito é formado por vários elementos díspares que poderíamos assim esboçar: Real, Acaso, Bifurcação, Fractal, Compulsão de Repetição, Pulsões, Simbólico e Caos".⁷ Por isso eu disse que ele é fundamental.

A articulação desses elementos cria a possibilidade de pensar as pulsões como um percurso de movimento, como um *através*, o que permite flagrar o movimento dentro do próprio movimento. Esse é o passo de que precisávamos para

lecer uma distinção conceitual entre *repetição*, ligada ao Princípio do Prazer, a *Eros*, e *compulsão de repetição*, conceitualmente conectada à Pulsão de Morte.

Freud dedica o início de *Além do princípio do prazer* às neuroses traumáticas. Por que será que, a essa altura de sua obra, voltou a falar em *trauma*? E essa volta se dá em um texto onde a questão do sexual é importante; porém o conceito fundamental proposto agora é a conexão do psiquismo com pulsão de morte.

O texto começa com a neurose traumática, com o trauma, mas encerra bruscamente o assunto, dizendo que deveríamos deixar de lado as neuroses traumáticas para falar do jogo infantil.

Nesse momento, me parece

de produção-criação. Mostra-nos que, em sistemas que se caotizaram (portanto, sistemas de pura intensidade pura, virtualidade, onde nenhum caminho pode ser predito), surgem organizações simbólicas que são novas, disruptivas e inesperadas. São potências, virtualidades, que podem devir como organizações. Tomemos como exemplo as formas pelas quais as comunidades se reorganizam após uma guerra, ou após uma grande descoberta científica; e, no campo da subjetividade, como um olhar pode ser o disparador de uma grande paixão, criando todo o suceder de uma vida.

Freud começa então a descrever um jogo infantil. Esse jogo, conhecido como o jogo do carretel ou do *fort-da*, é criado por uma criança de um ano e meio; e Freud diz

ultrapassar o determinismo, que sempre se caracterizou por congelamentos e estancamentos para satisfazer as necessidades de rigor científico das antigas concepções.

Essa articulação do conceito de acontecimento e pulsões é muito importante para as concepções clínicas atuais. Distancia a psicanálise do determinismo e do estruturalismo puros, pois os sistemas abertos estão conectados com o acontecimento, com as intensidades e com a história, que está em perene movimentação no seio da cultura. Temos uma clínica que leva em conta a história, o acontecimento e a cultura, privilegiando portanto o pulsional.

Assim sendo, estamos trafegando pela transdisciplinariedade que abarca o campo científico e as possibilidades estéticas do universo da arte.

Os sistemas lineares com tempo simétrico mergulharam no determinismo; a idéia de acontecimento é uma estratégia importante para avançarmos da linearidade para sistemas abertos, nos quais o novo é uma contingência e o disruptivo pode tomar forma e expressão.

No começo do século temos alguns expoentes do pensamento científico, tais como Ludwig Boltzmann, Henri Poincaré (e eu acrescentaria Freud) que estão atentos a essa metamorfose que a ciência está sofrendo, isto é, a passagem do determinismo ao acaso levando em conta a irreversibilidade do tempo.

“O paradoxo do tempo só foi articulado tardiamente, na segunda metade do século XIX, graças aos trabalhos do físico vienense Ludwig Boltzmann. Ele acreditava poder seguir o exemplo de Charles Darwin na biologia e fornecer uma descrição evolucionista dos fenômenos físicos. Sua tentativa teve como efeito pôr em evidência a contradição entre as leis da física newtoniana, baseadas na equivalência entre passado e futuro, e qualquer tentativa

A idéia de *acontecimento* é uma estratégia importante para avançarmos da linearidade para sistemas abertos, em que o novo é contingência e o disruptivo pode tomar forma e expressão.

de formulação evolucionista que afirme uma distinção essencial entre futuro e passado. Na época, as leis da física newtoniana eram aceitas como a expressão de um conhecimento ideal, objetivo e completo.”⁸

Em 1905, Poincaré assinala com muita precisão – em *O valor da ciência* – a necessidade de criação de uma nova mecânica. No bojo dessas idéias, trafega pela concepção de verdade e pelas possibilidades do progresso da ciência.

Sobre a verdade, diz: “Quando falo aqui da verdade, sem dúvida quero falar primeiro da verdade científica; mas quero falar também da verdade moral, da qual o que chamamos de justiça não é senão um dos aspectos. Parece que abuso das palavras, que reuno sobre o mesmo nome dois objetos que nada têm em comum; que a verdade científica, que se demonstra, não pode de modo algum aproximar-se da verdade moral, que se sente. Contudo, não posso separá-las, e aqueles que amam a uma não podem deixar de amar a outra.”⁹

Com este pensamento de Poincaré, começamos a aproximar a ciência da cultura e da construção da ética, das leis, em vez de as pen-

sar como leis eternas e válidas em todos os contextos. Nesse sentido, Poincaré nos alertará alguns parágrafos adiante: “Os progressos da ciência parecem pôr em perigo os mais estabelecidos princípios, inclusive aqueles que eram encarados como fundamentais.

Nada prova, contudo, que não se chegará a salvá-los; e mesmo que só se consiga fazer isto imperfeitamente, ainda subsistirão, embora transformados. Não devemos comparar a marcha da ciência com as transformações de uma cidade, onde os edifícios envelhecidos são impiedosamente demolidos para dar lugar a novas construções, mas sim com a evolução contínua dos tipos zoológicos, que se desenvolvem sem cessar e acabam por se tornar irreconhecíveis aos olhares comuns; mas um olho experimentado reencontra sempre os vestígios do trabalho anterior dos séculos passados. Não se deve crer, pois, que as teorias antiquadas foram estêreis e vãs.”¹⁰

Poincaré, numa contemporaneidade fantástica com Freud, mostra neste parágrafo uma ciência que leva em conta a evolução e as possibilidades da cultura, uma se intercambiando com a outra. O con-

ceito freudiano de série complementares, contido na vigésima terceira das *Conferências de Introdução à Psicanálise* de 1917, aponta para essa mesma direção, ou seja, como levar em conta o novo e as produções sem deixar de lado a tradição.

Produção e novo estão numa báscula contínua, em perene movimento articulado com a tradição, com a herança. Vamos aqui entrelaçar a questão das séries complementares freudianas (que leva em conta as vivências dos ancestrais e as vivências infantis), com a tentativa de Poincaré de articular a evoluo dentro das ciências como um todo, e não só dentro da biologia.

Em *Pulsões e destinos de pulsões*, de 1915, Freud deixa bem claro o seu pensamento em relao  ciência: "Temos ouvido expressar mais de uma vez a opinião de que uma ciência deve ser edificada sobre conceitos fundamentais claros e precisamente definidos.

Na realidade nenhuma ciência, mesmo a mais exata, começa com tais definies.

O verdadeiro princípio da atividade científica consiste na descrio de fenmenos que logo são agrupados, ordenados e relacionados entre si... A princípio, deve apresentar certo grau de indeterminao... Porém, o progresso do conhecimento não tolera a inalterabilidade das definies".¹¹

Temos então, já em Freud, as postulaes que começam a levar em conta a indeterminao e o acaso, concomitantemente com a questão da herança e da tradio. Essa questão – herança e tradio –  recorrente na obra de Freud: a pulsão como conservadora e como possibilitadora do novo estará sempre na sua mira.

Freud mergulha densamente na cultura, articulando as séries complementares  herança contextualizada na cultura, ou seja: linguagem e pulsões emaranhadas. D  palavra uma dimensão pulsional, e diz também que toda pulsão  um fragmento de atividade.

Caos/ordem e fractais

Disso se conclui que a pulsão  um *conceito-arco* que estabelece conexões com o caos e com as organizaes crescentes em perene movimento.

Podemos nos aproximar das emanaes do caos através das organizaes fractais. Um fractal  uma maneira de visualizar o infinito;  uma possibilidade de captao da complexidade com pequeno número de dados, pois o grau de irregularidade permanece constante em diferentes escalas, mostrando que a natureza exibe uma "irregularidade regular". O conceito de fractal remete a uma primeira unidade de organizao a partir da pulsao do caos, e pode também ser concebido como a rota para o caos e as expressões possíveis emanadas dele.

As organizaes fractais são uma forma de ver a repetio diferencial em vez de se deter nos grandes sistemas: estes estão para o século XIX assim como a organizao fractal está para o início do século XXI.

Nessa "rota para o caos", ou nessa virtualidade que o caos produz, existe uma aproximao possível com o conceito de pulsões em Freud: "A pulsão, por outro lado, não atua como uma força de choque momentâneo; ela sempre atua como uma força constante", diz ele em *Pulsões e destinos de pulsões*.¹² Em meu modo de entender, esta frase mostra que a pulsão pode variar nas intensidades, enquanto o constante tem a ver com o potencial, com a virtualidade que sempre está presente no organismo vivo.

O conceito de pulsão em Freud  certamente mais amplo do que a questão da virtualidade que nele está contida. Ele se estende das virtualidades até as relaes objetais. No entanto, a potência e a virtualidade estão latentes neste conceito e passam a ser colocadas claramente quando se postula que a intensidade da pulsão  constante.

Esse *constante* se refere a uma torneira que não se fecha enquanto houver vida; as variaes estão ligadas às intensidades do jorro de água dessa torneira. Portanto, a constância está articulada  durao da vida e  variao articulada a intensidades emanadas por essa virtualidade.

A pulsão  um *conceito-arco* que estabelece conexões com o caos e com as organizaes crescentes em movimento.

O conceito de pulsões se expande da virtualidade (que  da ordem do *caótico*, do *apresentacional*), até o *representacional*. Neste percurso não-linear, trafega das intensidades não-representacionais até às relaes objetais.

No conceito freudiano de pulsão, que  somato-psíquico, temos quatro elementos organizadores: força, fonte, alvo e objeto. A meu ver, esse  o conceito mais amplo que temos dentro da psicanálise, pois o próprio conceito de inconsciente está contido nele.

O conceito de caos, como Deleuze e Guattari o postulam,  o seguinte: "Define-se o caos menos por sua desordem que pela velocidade infinita com a qual se dissipa toda forma que nele se esboça.  um vazio que não  um nada, mas um virtual, contendo todas as partículas possíveis e suscitando todas

as formas possíveis que surgem para desaparecer logo em seguida, sem consistência, nem referência, sem conseqüência”.¹³

Para essa conceitualização, os autores se basearam em uma experiência de Ilya Prigogine: trata-se da cristalização de um líquido superfundido, que permanece líquido a uma temperatura inferior à sua temperatura de cristalização. “Num tal líquido formam-se pequenos germes de cristais, mas esses germes aparecem e depois se dissolvem sem o gerar conseqüências.”¹⁴

Como podemos articular essa experiência de Ilya Prigogine, a conceitualização do caos, e o conceito de pulsões freudianas?

O fundamental desse conceito filosófico não está centrado na questão da desordem, e sim na questão das intensidades e da virtualidade. É um conceito *estético*, posto que se trata da produção de formas e do desaparecimento das formas em concomitância. Daí a idéia de virtualidade. Na experiência de Ilya Prigogine, portanto, algo ocorre na natureza e servirá para metafóricas. Pode-se deduzir que, quando se chegou ao estado de germes de cristalizações, isso fatalmente deveria gerar conseqüências naquela matéria. O surpreendente é que os germes de cristalização desaparecem sem gerar conseqüências. Isso mostra que não existe, nesse caso, garantia de persistência para as marcas dessa cristalização. Por isto, Deleuze e Guattari concluem que essa virtualidade, quando per-

siste como virtualidade, não deixa rastro algum “sem consistência, nem referência, sem conseqüência”.¹⁵

Freud inicia o capítulo de *Pulsões e destinos de pulsões* falando sobre indeterminação; depois evolui para falar de virtualidade, ao dizer que não se trata de uma força de choque momentânea, e sim uma produção constante.

Mas produção constante de quê? Existem duas possibilidades em Freud: a pulsão como conservadora e a pulsão como produção/criação.

A pulsão como conservadora consiste em um elo geracional que, através da genealogia do afeto, faz trafegar as séries complementares. A pulsão como produção/criação, através dos atos produzidos no aleatório e no caos, cria o primeiro jogo auto-criado - o *fort-da* freudiano - que também entrará nas séries complementares *a posteriori*.

Existe uma última concepção de afeto em Freud, que diz: “Através disso nós nada afirmamos, o que poderia dar à angústia um lugar de exceção entre os estados de afeto. Ahamos que também os outros afetos são reproduções de acontecimentos antigos, de importância vital, eventualmente pré-individuais, e nós os comparamos, como típicos e comuns ataques histéricos congênitos, aos ataques individualmente adquiridos mais tarde da neurose histérica, cuja gênese e significado, como símbolos mnêmicos se tornaram nítidos para nós através da análise”.¹⁶

Essa última concepção de afeto em Freud aponta para um elo geracional, onde o pré-representacional fica embutido no afeto. É um registro de movimento, de sinfonia.

Hélio Pellegrino nos diz: “A linguagem é a terceira margem do rio, confluência do sonho e da realidade, núpcias da pulsão e do *logos*, que, no transporte da paixão, engendra o verbo.”¹⁷ Assim, nos mostra que, para se ter o verbo, existe a necessidade de um caminho de intensidades que percorre as gerações; aqui e acolá, aparece o verbo, sempre acoplado à intensidade. Assim, temos uma genealogia do afeto entrelaçando as produções/criações no desenrolar da história de cada subjetividade.

Freud abre uma possibilidade para captar alguma coisa da dimensão caótica, portanto não-representacional. Estamos mergulhados no *apresentacional*. Como o apresentacional poderá ganhar representabilidade? A pulsão em Freud é um *através*, um conceito *arco*, que capta as emanações do caos - sempre fractais - através de seus constituintes, que, como já falamos, são: fonte, força, alvo e objeto; estes vão orquestrando uma movimentação.

As apresentações serão captadas por esse dispositivo pulsional, que não é somente do campo da linguagem, mas nele trafega. Em especial, a pulsão é somato-psíquica: portanto, temos produções de diversas ordens. Essas produções irão desde alterações químicas no corpo, distúrbios metabólicos, produções tumorais, até chegar a expressões simbólicas como as dos sintomas neuróticos. A clínica articulada com o pulsional leva em conta todas essas expressões, e não somente as simbólicas. Para pensar a psicossomática, temos que nos atirar no *pré-representacional* e no *não-representacional*.

Os órgãos ou funções atingidas são assignificantes; precisamos trafegar pelas intensidades pulsionais para melhor compreender essas co-

Freud abre a possibilidade de captar algo da dimensão caótica, não-representacional: é o *apresentacional*, que poderá ganhar representabilidade.

A forma fractal, como pré-representacional, faz conexão entre o acontecimento traumático e o restante da vida psíquica, abrindo a possibilidade de instauração em um universo de representações.

nexões e integrar a psicossomática no bojo da teoria psicanalítica: pois a vicissitude psicossomática é uma possibilidade de todo sujeito.

As formas dos fractais, a essa altura, precisam de uma conexão mais clara com a psicanálise: essa conexão aparece em relação aos conceitos de repetição e compulsão de repetição. Esta é uma produção da pulsão de morte, enquanto a repetição está articulada ao princípio do prazer, em conexão com a pulsão de vida.

As neuroses traumáticas são detectadas através dos sonhos traumáticos: estes são tentativas de captar fragmentos (formas fractais) do acontecimento traumático e articulá-lo ao aparelho psíquico. Em si, o acontecimento traumático não dispõe de palavras. Daí, a necessidade econômica dos sonhos traumáticos. Uma vez esses sonhos repetidos à exaustão, eles ganham uma nova organização, e essa organização é fractal.

A forma fractal, como pré-representacional, faz a conexão entre o acontecimento traumático intenso e o restante da vida psíquica, produzindo o sonho traumático, que não é realização de desejo e sim a possibilidade de instauração de

marcas em um universo representacional contido no sonho traumático. É essa compulsão de repetição que colocará no aparelho psíquico a possibilidade de flagrar o acontecimento intenso; e, se este ganhar marcas no aparelho, poderemos ver nisso a positividade da pulsão de morte: pois a *compulsão de repetição* é a fórmula mais pura que temos de expressão desta pulsão.

Dentro do aparelho psíquico, esse novo que foi introduzido em forma fractal (proveniente do acontecimento traumático) será integrado. Estamos então diante de um aparelho criativo, e não somente repetitivo, e que também se orquestra nas intensidades pulsionais assígnificantes. As formas fractais que são produzidas no e pelo caos podem ser capturadas, e depois também repetem – em diversas escalas, uma forma. Isso entra em conexão com pontos de fixação que, uma vez produzidos no acontecimento, repetem diferencialmente – em diversas escalas – algo da intensidade do acontecido, numa tentativa de integração. O caos disruptivo, que transborda toda a possibilidade de ordem, pode ser a via para repensar a psicanálise, já densamente mergulhada na cultura.

Espero ter conseguido alinhar alguns conceitos freudianos e colocá-los na tessitura com outros conceitos científicos, filosóficos e estéticos da atualidade.

Acredito que, neste texto, tive a necessidade de percorrer um caminho que passou pelo calor dos seminários, das supervisões, do barzinho, das conversas alegres e descontraídas dos corredores do Instituto Sedes Sapientiae, das festas em casa dos amigos que amealhei durante todos esses anos e das formalidades e informalidades.

Espero que esse texto possa flagrar a movimentação do meu percurso nessa instituição que, no fundo, é inseparável da minha vida. ■

NOTAS

1. L. Lemos, *Laplace: 1985*, Lisboa, Instituto Piaget, 1992, p. 61-62.
2. E. Morin, *Introdução ao Pensamento Complexo*, Lisboa, Instituto Piaget, p. 8.
3. S. Freud, *Uma Neurose Infantil*, in *Obras Completas*, Rio de Janeiro, Imago, 1979, p. 54.
4. S. Freud, "23ª Conferencia - Los Caminos de la Formación de Síntoma", in *Obras Completas de Sigmund Freud*, Buenos Aires, Amorrortu, 1979, p. 329.
5. E. Morin, *Meus Demônios*, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1997, p. 58.
6. S. Freud, "Inbibición, Síntoma y Angustia", in *Obras Completas de Sigmund Freud*, Buenos Aires, Amorrortu, 1979, p. 71.
7. A. A. Souza Lima, "Além do Princípio do Prazer", in *Freud: Um Ciclo de Leituras*, São Paulo, Ed. Escuta, 1997, p. 252.
8. I. Prigogine, *O Fim das Certezas - Tempo, Caos e as Leis da Natureza*, São Paulo, UNESP, 1996, p. 10.
9. H. Poincaré, *O Valor da Ciência*, Rio de Janeiro, Contraponto, 1995, p. 5.
10. H. Poincaré, *op. cit.*, p. 8.
11. S. Freud, "Pulsiones y Destinos de Pulsiones", in *Obras Completas de Sigmund Freud*, Buenos Aires, Amorrortu, 1979, p. 105.
12. S. Freud, *op. cit.*, p. 114.
13. G. Deleuze e F. Guattari, *O que é Filosofia?*, Rio de Janeiro, Editora 34, 1992, p. 11.
14. G. Deleuze e F. Guattari, *op. cit.*, p. 153.
15. G. Deleuze e F. Guattari, *op. cit.*, p. 153.
16. S. Freud, "Hysterie und Angst", Frankfurt, S. Fischer Verlag, 1973, p. 274 – tradução segundo a cadência do texto alemão, sem preocupação com o estilo em português.
17. H. Pellegrino, "Édipo e a Paixão", in *Os Sentidos da Paixão*, São Paulo, Companhia das Letras, 1987,